

Ruy na palavra do Senador Aluízio de Carvalho

Discurso pronunciado no Senado Federal

“Senhores.

NESTE cortejo que, ao longo da Avenida Rio Branco, vai confiar à gloriosa Marinha de Guerra os despojos de Ruy Barbosa, para que os entregue, na Bahia de Todos os Santos, à Cidade do Salvador, cabe a palavra do Parlamento Brasileiro, por uma das suas Câmaras, aquela, exatamente, no exercício de cujo mandato o excelso cidadão construiu o regime republicano e dos cimos de cuja tribuna propugnou, a seguir, sem cessar, as garantias democráticas.

Há 26 anos essa voz, humilde para com os fracos, altiva, intrépida, quantas vezes arrogante em face dos poderosos, essa voz incomparável parou de soar; e o coração de inspirar-lhe as grandes causas; e o corpo minúsculo, em que a eloquência era a força, imobilizou-se no nada.

Não deveria ter sido assim. Não devera ser, nem ontem, nem hoje, nem nunca! Mas que importa o verbo, como expressão humana, se a ressonância dos seus clamores, das suas apóstrofes, dos seus apelos, vence o próprio silêncio, e passa a impregnar da sua essência a atmosfera que respiramos, incutindo-nos o instinto do dever cívico, indicando-nos os caminhos do ideal político, como estas vozes eternas que os povos escutam e entendem, nos momentos de perigo, vindas não se sabe de onde?

Esse, cujo esquife vamos conduzir, nos nossos braços, para o seu lugar, assim como as nações fortes acompanham ao Panteon das suas glórias os seus heróis, esse somente pregou aos homens a verdade, ainda que a verdade lhe pudesse custar o exílio, o ostracismo, a cólera de uns, a incompreensão de muitos. Mas que lhe importava o sofrimento se, acima das contingências da terra, está o dever supremo da verdade, dever do jornalista, do tribuno, do advogado, do parlamentar, do doutrinador político, que tudo isso êle foi e em tudo o maior senão nalguns aspectos parciais, sem dúvida no conjunto dos predicados e, sobretudo, na consciência, na dignidade, na bravura.

Lembremos sôbre o campeão do abolicionismo, o propagandista da eleição direta, o defensor

da liberdade religiosa, o arauto da federação das províncias, o organizador da República, o autor da Constituição de 1891, o evangelizador da República nas campanhas eleitorais, o representante do Brasil em Haia, sustentando, com antecipação de tantos anos, o princípio da igualdade soberana das nações e, na oração em Buenos Aires, antecipando, também, o princípio da neutralidade armada e vigilante em face do crime da guerra; o revisionista da Constituição, que recusou a candidatura à Presidência por não adiar a revisão, tal como, no Império, havia rejeitado a pasta de Ministro, para ficar com o seu compromisso pela federação; finalmente, o revolucionário de idéias e de princípios, inimigo, contudo, da violência e do arbítrio.

Que mais necessitamos para lhe medirmos a grandeza — uma grandeza, entretanto, imensurável!

Se muitos em vida lhe não fomos fiéis, que lhe sejamos, depois de êle morto, fiéis dessa fidelidade que êle proclamava como a primeira das virtudes de um povo, aquela que assegura às nações a sua identidade moral, cria a sua perpetuidade e estabelece, através das gerações sucessivas, o elo da solidariedade nacional.

Vamos conduzir para o seu lugar a mais preciosa das nossas relíquias — o corpo de Ruy Barbosa, o corpo minúsculo em que brilhou, e de que se alteia, como uma bênção dos Céus sôbre os nossos destinos, como uma labareda de fogo sôbre os nossos desacertos, a chama mais viva que num peito humano já se acendeu, dos ideais mais altos da nossa Pátria.

A consagração nacional do seu centenário é um ato público de fidelidade ao seu pensamento, ao seu sentimento, à sua ação.

Na derradeira das suas campanhas presidenciais, dissera êle que os povos são grandes quando acreditam no seu passado, e apelava então: “Não deixem expirar os sons, que enchem estas terras benditas”.

Eis, Senhores, não deixemos, nunca, expirar os sons dessa voz, que enche os espaços do Brasil”.